

## Turismo na Cidade de Caldas Novas (GO): reflexões sobre o caso PESCAN

Jean Carlos Vieira Santos  
Jucelma Guimarães da Silva  
Larissa Lara Custódio Borges  
Tássia Passucci Peixoto Freire  
Maison Paulino Miranda

**Resumo:** Este trabalho aborda o caso PESCAN como oferta complementar ao produto “turismo” em espaço urbano, uma experiência que tem como chave interpretativa o descobrimento das reflexões e interpretações acerca da inovação estratégica. Nesse contexto, o artigo traz o exemplo do PESCAN. O texto traz argumentos e análises acerca do turismo nos contextos ambiental e urbano e na experiência de valorização do turismo na cidade de Caldas Novas.

**Palavras-chave:** Turismo; PESCAN; Goiás; Cidade de Caldas Novas.

**Abstract:** This work approaches the PESCAN case as a complementary offering to the product “tourism” in urban space, an experience that has the unraveling of reflections and interpretations about the strategic innovation. In this context, the article offers the example of PESCAN. Therefore, the text brings arguments and analysis about tourism in the environmental and urban contexts and in the experience of valorization of tourism in the city of Caldas Novas.

**Keywords:** Tourism; PESCAN; Goiás; City of Caldas Novas.

**Resumen:** En este trabajo se aborda el caso PESCAN como una oferta complementaria al producto “turismo” en el espacio urbano, una experiencia cuya clave interpretativa se desentraña las reflexiones e interpretaciones de la innovación estratégica. En este contexto, el artículo ofrece el ejemplo del PESCAN. Por lo tanto, el texto aporta argumentos y análisis sobre el turismo en los contextos ambiental y urbano en la experiencia de valorización del turismo en la ciudad de Caldas Novas.

**Palabras clave:** Turismo; PESCAN; Goiás; Ciudad de Caldas Novas.

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo central suscitar uma discussão acerca do Parque Estadual de Caldas Novas (PESCAN), destino turístico de águas termais do Estado de Goiás, abordando o conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada no tempo e espaço. Sabe-se que o turismo em áreas protegidas é um momento importante de inserção do visitante nos lugares e na região visitada.

Pode-se dizer que o referido trabalho utiliza os métodos “analíticos” e de “estudo de caso”, pois se entende que existe uma relação próxima entre eles. Sendo assim, inicialmente, é possível destacar as palavras de Boaventura (2007, p. 55), ao afirmar que, se “[...] o estudo é do presente, pode-se utilizar o estudo de caso”. Há uma investigação que parte da observação de paisagens por meio da percepção, fundamentando-se essencialmente em como cada indivíduo percebe, reage e responde à sua interação.

Quanto aos aspectos metodológicos, vale salientar que o trabalho foi dividido em duas fases. Na primeira destacam-se o levantamento das referências e a discussão de conceitos de ecoturismo e

geoturismo, enquanto a segunda fase apresenta a paisagem e potencialidade do PESCAN – esse é um trabalho empírico relevante, pois viabiliza o diálogo do investigador, no campo, com a espacialidade real.

Ao colocar em jogo não somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo, mas também a relação que se estabelece entre pesquisador e território investigado. Santos (1999, p. 120) diz que a importância do empírico é promover contato, ou seja, é a “[...] análise voltada para as tendências de interpretações que os pesquisados promovem do mundo”, atividade fundamental na construção do presente trabalho.

### **Ecoturismo e geoturismo: teorias em movimento**

Embora haja uma grande variedade de estudos sobre o Turismo em Áreas Naturais no Brasil, trazendo um viés extremamente amplo de teorias, optou-se neste momento do trabalho pelos conceitos de ecoturismo e geoturismo, tendo em vista que os elementos naturais são os grandes atrativos do PESCAN, em Caldas Novas/GO. Na concepção de Costa (2002), o uso turístico desses recursos naturais localizados em Unidade de Conservação (UC) federal, estadual ou municipal,

[...] deve enfatizar sob um prisma diferenciado o ser humano, separando em lado diversos a população e o turista. Essa ótica se faz necessária para que os diferentes aspectos, tanto de planejamento como de gestão – no caso das Unidades de Conservação (COSTA, 2002, p. 65).

Sendo assim, ao estudar o segmento turismo em Áreas Naturais ou Unidades de Conservação, nota-se que ela é “[...] uma atividade ambivalente que tanto pode gerar riquezas, valorizar espaços, promover novas relações entre os povos e culturas como, simultaneamente, tornar-se predador cultural, degradador ecológico e explorador econômico” (QUEIROZ, 2006, p. 80). Cabe, em decorrência dessas considerações teóricas, movimentar o debate em torno da organização turística em áreas de preservação, bem como sobre seus usos, apropriações e contemplações.

Diante dessas constatações, Cândido (2003, p. 25) escreve em sua obra que o segmento do turismo, baseado na natureza, é conhecido como “[...] ecoturismo, turismo ecológico, turismo verde, turismo de aventura [...], turismo sustentável”. Para alguns estudiosos, a expressão ecoturismo surgiu na década de 1980, podendo ser definida como o “[...] uso ecológico do meio ambiente pelo turismo clássico, em atividades que possam se desenvolver com critérios de mínimo impacto” (CÂNDIDO, 2003, p. 145).

Com sua difusão, o termo passou a ser associado de modo mais específico com um tipo de turismo alternativo, em que os turistas realizam os seus entretenimentos engajados numa perspectiva ecológica cultural (REZENDE; SANTOS, 2013). Nesse cenário teórico, Matteucci (2003, p. 23) cita que o ecoturismo é a proposta de um turismo diferenciado “[...] sob a ótica de preservação/conservação da natureza/cultura”.

Ao analisar bibliograficamente as diferentes abordagens sobre ecoturismo, é possível afirmar que o crescimento dessa atividade se deve principalmente ao crescente interesse global por temas ambientais. Moreira (2011, p. 23), então, percebe que o ecoturismo tem demonstrado ser “[...] um dos mais eficientes instrumentos econômicos adotados por governos e setores comprometidos com o meio ambiente para financiar e garantir a proteção de ecossistemas”. A essência do produto ecoturismo é a interpretação do ambiente, pois a principal motivação de quem pratica é a apreciação da natureza.

De acordo com Medina e Santamarina (2004, p. 42), o ecoturismo se associa a “[...] los bosques y espacios naturales, y el agroturismo [...]. En el ecoturismo las necesidades que se deben satisfacer son principalmente las de disfrutar, observar y estudiar un medio natural relativamente poco antropizado y bien conservado”. Marra (2001) corrobora com essa discussão ao escrever que o ecoturismo desperta nas pessoas a sensação de lugar, a excitação de novas experiências e oportunidade de aprendizagem.

Assim, tendo em vista que é cada vez maior a necessidade de movimentar a discussão sobre o turismo praticado em Unidades de Conservação, surgem bibliografias abordando o geoturismo que colocam tal temática como uma nova oportunidade de debater o turismo realizado em áreas naturais. Diante disso, entende-se que existe uma relação entre o turismo praticado em paisagens com parte da natureza preservada e os patrimônios geológicos e geomorfológicos.

Convém destacar que, da mesma forma que ecoturismo e turismo ecológico têm significados diferentes, o geoturismo não é somente turismo geológico. O termo vem da junção das palavras geologia e turismo, e não geografia e turismo. Conceitualmente, trata-se de uma modalidade de turismo que se caracteriza pela valorização do patrimônio geológico/geomorfológico. Desse modo, o geoturismo é tratado como uma “[...] segmentação sustentável, realizada por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos”. (MOREIRA, 2011, p. 28-29).

Diante das teorias aqui movimentadas e utilizando a obra de Moreira (2011), é possível afirmar que ecoturismo, turismo de aventura, turismo científico, geoturismo, entre outros podem

estar vinculados, visto que os meios interpretativos voltados aos aspectos geológicos podem ser utilizados por qualquer uma das modalidades de turismo praticadas em áreas naturais.

### **O PESCAN em Caldas Novas: uma componente do turismo termal**

Quando se fala em conservar, logo vêm diversas teorias que expõem ideias de guardar ou cuidar de territórios que, por ventura, possam correr algum tipo de risco, como extinção ou degradação. Essa abordagem é expressa por Cândido (2003, p. 69), ao entender que territórios, paisagens ou áreas possuem, por vezes, uma delimitação ou demarcação. Com o intuito de preservar ou conservar esses espaços é que são apresentadas definições de Unidade de Conservação:

Conforme definição da Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEMA) do Estado do Mato Grosso, Unidades de Conservação são áreas protegidas em regiões que possuem importantes recursos naturais, tais como: animais, plantas, córregos, rios, cachoeiras, morros, serras.

Esses espaços visam atender a uma demanda bem variada, como pesquisa científica, manutenção da diversidade natural, conservação da variabilidade da flora e fauna, recreação, dentre outros objetivos. Nesse contexto, enquadra-se o PESCAN, com suas cachoeiras e vegetação de Cerrado que formam beleza e exuberância cênicas – juntos, podendo funcionar como uma componente do turismo termal.

O segmento geoturismo em áreas como o PESCAN tem funcionado “[...] como opção de lazer, educação, recreação e contemplação da beleza cênica, além de promover a divulgação, preservação e conservação de forma eficiente e interessante” (NASCIMENTO, RUSCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008, p. 8-9). O parque está localizado a três quilômetros do centro da cidade, foi criado em meados de 1970 e reestruturado para visitação em 1998, com sede administrativa para receptivo, auditório com 120 lugares, museu, salas, alojamentos e casa de pesquisadores. Uma particularidade dessa paisagem são as trilhas sinalizadas. A principal fonte de renda do município é o turismo, possuindo uma excelente infra-estrutura hoteleira e uma variada gastronomia.

### **Considerações finais**

Estudantes e turistas diversos que chegam ao PESCAN vivenciam diversas experiências, entre elas o turismo de aventura, o ecoturismo e geoturismo. Pode-se dizer que o espaço proporciona múltiplas atividades de lazer, prazer, emoção e conhecimento, mas é preciso pensar

numa roteirização que coloque o referido parque como uma opção de valorização e componente do turismo termal, facilitando a informação e a circulação de turistas e moradores locais entre os atrativos do município, proporcionando condições favoráveis de contemplação das diversidades que formam essa paisagem do Cerrado.

## Referências

- BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo (SP): Atlas, 2007.
- CÂNDIDO, L. A. **Turismo em Áreas Naturais Protegidas**. Caxias do Sul (RS): EDUCS, 2003.
- COSTA, P. C. **Unidades de Conservação: matéria-prima do ecoturismo**. São Paulo (SP): ALEPH, 2002.
- MARRA, R. J. C. **Espelo Turismo: planejamento e manejo de cavernas**. Brasília (DF): WD Ambiental, 2001.
- MATTEUCCI, M. B. de. A. Ecoturismo em Goiás – Teoria e Prática. In: ALMEIDA, M. G. de. **Paradigmas do Turismo**. Goiânia (GO): Alternativa, 2003, p. 23-34.
- MEDINA, N.; SANTAMARINA, J. **Turismo de Naturaleza en Cuba**. Havana: Ediciones Unión, 2004.
- MOREIRA, J. C. **Geoturismo e Interpretação Ambiental**. Ponta Grossa (PR): Editora da UEPG, 2011.
- NASCIMENTO, M. A. L. do; RUCHKYS, U. A.; MANTESSO-NETO, V. **Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico**. Natal: UFRN, 2008.
- QUEIROZ, O. T. M. M. Atividades Turísticas e Recursos Naturais. In: \_\_\_\_\_. **Turismo e Ambiente: temas emergentes**. Campinas (SP): Alínea, 2006.
- REZENDE, N. A. P.; SANTOS, J. C. V. Turismo Científico nas Cidades do Entorno do Parna Emas (GO/MT/MS). In: SIMPÓSIO DE TURISMO SERTANEJO (A COMUNIDADE, O LUGAR E OS SABERES LOCAIS NA PROMOÇÃO DO TURISMO), 7., 2013. Ituiutaba (MG). **Anais...** Ituiutaba (MG): UFU – *Campus Pontal*, jun. 2013, p. 1-11.
- SANTOS, R. J. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. In: **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, n. 11, jan./dez. 1999.